

Avaliação de Capacidade para a Frequência de
Maiores de 23 anos de idade
(Decreto-Lei nº 64/2006, de 21 de Março)

PROVA ESCRITA de LÍNGUA PORTUGUESA
28 de abril de 2022

Reservado ao Professor corretor	Reservado ao Júri
Classificação: _____, _____ (_____ valores)	Prova nº
Professor(es): _____	_____

Esta prova destina-se a avaliar conhecimentos e competências em Língua Portuguesa, para ingresso e frequência dos cursos de licenciatura da ESDL-IPVC.

A prova é constituída por três grupos:

- Grupo I Interpretação de texto (90 pontos)
- Grupo II Análise do funcionamento da língua (70 pontos)
- Grupo III Expressão escrita (40 pontos)

A prova é composta por seis páginas e termina com a palavra FIM.

Tem a duração de 120 minutos.

Para a sua realização, é necessário apenas material de escrita.

LEIA ATENTAMENTE A TOTALIDADE DA PROVA, ANTES DE COMEÇAR A RESPONDER.

✂

 Escola Superior de Desporto e Lazer	PROVA ESCRITA de LÍNGUA PORTUGUESA 28 de abril de 2022
--	---

Reservado ao Candidato	Reservado ao Júri
Nome: _____	Prova nº
C.C. nº _____ - Inscrição nº _____	_____

Grupo I

Leia o relato da responsabilidade de Gonçalo Cadilhe e responda, de seguida, aos itens apresentados.

Como pronunciar “cabo Agulhas”

A pergunta era se eu não sentia orgulho quando chegava ao cabo da Boa Esperança. Orgulho de ser português.

Hesitei. Vou ser franco ou não? Dou uma resposta de circunstância e vaga, ou entro na questão a fundo? Viajar por muito tempo tem esta consequência: adquire-se um certo relativismo.

Fica difícil aceitar os dogmas e os mitos propagados na pátria ao longo de gerações.

Visitamos outros países e ficamos a saber que os nossos dogmas e mitos valem tanto como os deles.

Esse formidável promontório, no fundo de África, é um ponto de referência impressionante quer para os que o alcançam por terra quer para os que o contornam por mar. Aliás, recordo a minha desilusão quando o visitei pela primeira vez, por encontrar um dia de mar calmo e translúcido, de céu cristalino e brisa suave, que nada fazia supor ser ali o lugar do mito do Adamastor. Mas em visitas seguintes, as coisas cósmicas alinharam-se de maneira a poder assistir a tempestades brutais de mar e vento sobre o cabo que por nós foi pela primeira vez dobrado.

A pergunta era se eu sentia orgulho. De ser português no cabo da Boa Esperança.

Não. Passaram muitos séculos. O que eu não consigo deixar de sentir é uma perplexidade incomodada. Onde foram parar esses homens que estavam na vanguarda do seu tempo? Onde foram parar o arrojo e a antevidência da raça que soube dar novos mundos ao mundo? O meu incómodo é ainda maior, se viro as costas ao cabo e regresso à cidade, talvez a mais cenográfica e apetecível de todas as cidades fora da Europa, e penso que podia ser uma cidade de ascendência portuguesa, mas que simplesmente deixámos que os holandeses ficassem com ela. A Cidade do Cabo, Cape Town, a “Taverna dos Mares”.

Na realidade, para contornar África, não basta dobrar o *cape of Good Hope*, há outro mais a sul e que marca, esse sim, o final do continente, o cabo Agulhas. Não é impressionante.



Não tem uma falésia a pique sobre o mar, nem um miradouro preparado para rasgar o infinito nem sequer um posto de turismo com os *gadgets* e *souvenirs* da ocasião, apenas um acidente de relevo lacónico e definitivo, no litoral. Extraordinária, pelo contrário, é a estrada de aproximação ao cabo Agulhas, que atravessa dezenas de quilómetros de terra desolada e premonitória, como se nenhuma outra paisagem fosse digna de anunciar esse iminente fim de mundo que é o cabo Agulhas.

Uma placa rasa informa que, neste ponto, se encontram os dois oceanos: Atlântico e Índico. As rochas são recortadas e pontiagudas, vagamente como agulhas, e pareceu-me estar explicada a razão do nome do cabo. Mas não era nada disso.

Os navegadores portugueses descobriram que o norte geográfico, aquele indicado pela Estrela Polar, e o norte magnético, indicado pelas agulhas das bússolas, coincidiam na passagem deste cabo. Daí o nome Agulhas.

Ao contrário do cabo da Boa Esperança, cujo nome foi traduzido em todas as línguas, o cabo Agulhas mantém a grafia original do batismo português. É esse, talvez, o meu motivo de orgulho, não pelo que fomos e deixámos de ser, mas pelo que encontrámos e demos a conhecer. E deixámos nomeado.

Neste caso, nada de “cape Needles”, antes, qualquer coisa como “cape Agôolas”.

Gonçalo Cadilhe, “Qualquer coisa nos lugares” in *Visão*, edição online, 19 de junho de 2013 (consultado em dezembro de 2014).

1. Para responder a cada um dos itens, selecione a opção correta.

1.1 Viajar durante muito tempo tem consequências como

- (A) o esquecimento de locais que deveriam ficar na memória.
- (B) a relativização da importância de certos locais.
- (C) a percepção de que afinal valeu a pena fazer aquela viagem.
- (D) a valorização da terra ou do país que deixamos para trás.

1.2 Considerando o conteúdo das linhas 12 a 22, o viajante terá visto

- (A) o gigante Adamastor no local indicado.
- (B) o promontório com um local de visita obrigatório.
- (C) situações climáticas e atmosféricas distintas.
- (D) vários portugueses em visita ao cabo da Boa Esperança.

1.3 Uma certa revolta apoderou-se do viajante quando

- (A) percebeu que o promontório nada tinha de perigoso.
- (B) passou pela cidade do Cabo e se consciencializou da sua beleza.
- (C) lhe perguntaram se sentia orgulho em ser português.
- (D) interiorizou a falta de iniciativa dos portugueses.

1.4 O “fim do mundo”, segundo o autor, poderia associar-se

- (A) ao cabo da Boa Esperança.
- (B) ao cabo de Agulhas.
- (C) à localização da cidade do Cabo.
- (D) à região envolvente do cabo das Agulhas.

2. Responda de forma completa aos itens seguintes.

2.1 Justifique a descrença do autor nos mitos e nos dogmas.

2.2 O autor revela a sua perplexidade relativamente à situação dos portugueses.

Comprove de que modo ele a manifesta.

2.3 Indique o único motivo de orgulho de ser português registado por este viajante.

2.4 Explique, por palavras suas, a designação atribuída ao segundo cabo descrito pelo autor.

2.5 Identifique e exemplifique duas marcas típicas do género “relato de viagem”.

Grupo II

Leia o texto e responda, de seguida, aos itens apresentados.

10 anos CPLP



As dificuldades que existem à circulação de criadores nos Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) estiveram em análise em Luanda num debate a 22 de outubro no âmbito do 10.º encontro das fundações da CPLP.

A iniciativa pertenceu ao programador cultural português António Pinto Ribeiro, consultor da Fundação Calouste Gulbenkian, que desempenhou o papel de moderador [...].

A oportunidade do debate foi justificada por António Pinto Ribeiro pelo facto de uma “substantiva parte” das fundações da CPLP estar reunida em Luanda, tendo muitas delas “natureza social e cultural” e sendo assim “o local ideal para (1) se apresentar [...] aquele que é o estado atual de circulação relativa à mobilidade dos artistas, criadores e intelectuais e (2) sensibilizar as fundações que têm algum poder de pressão junto dos governos [...] para que estes coloquem nas respetivas agendas a questão da mobilidade”.

Rejeitando a existência de um “espaço cultural da CPLP” e considerando que a relação de Portugal com os países da CPLP é “uma relação do tipo de país da União Europeia com países terceiros”, António Pinto Ribeiro evoca “fenómenos de empatia entre alguns destes países”, que torna “desejável”, em seu entender,

“que algumas destas questões pudessem ser tomadas a sério, até porque existe uma enorme heterogeneidade de situações”.

Esta heterogeneidade é patente no retrato traçado por António Pinto Ribeiro sobre a mobilidade dos criadores culturais e intelectuais nos países da CPLP. [...]

Embora as condicionantes à mobilidade dos criadores da CPLP não sejam apenas políticas – Pinto Ribeiro evoca condicionantes técnicas, como o défice de infraestruturas elementares (museus, galerias, teatros, cinemas) onde os artistas se possam apresentar e a dificuldade de circulação entre os países da informação sobre a produção artística –, a “questão de fundo” tem a ver com “estímulos ou a ausência deles do ponto de vista da política cultural”.

“O debate acabou com a recomendação dos intervenientes para que as fundações fizessem alguma pressão junto dos respetivos governos”, de forma a não só facilitar a mobilidade como também a estimulá-la. “É absolutamente fulcral para toda a gente – artistas, intelectuais e, naturalmente, para os públicos e os cidadãos dos países que podem ter acesso a outras produções e imaginários”.

Jornal de Letras, Artes e Ideias. Ano XXXIV, n.º 1151, de 12 a 25 de novembro de 2014.

1. Para responder a cada um dos itens, selecione a opção correta.

1.1 A intenção do debate e do seu organizador foi

- (A) alertar para a necessidade de criar condições para uma efetiva mobilidade dos agentes culturais entre os países da CPLP.
- (B) criticar a atuação dos governos por não investirem na formação de criadores da CPLP.
- (C) dar a conhecer o seu trabalho enquanto programador cultural da Gulbenkian.
- (D) denunciar as condições precárias em que se desenvolve a criação artística.

1.2 Para António Pinto ribeiro, o incentivo à mobilidade justifica-se,

- (A) embora já exista uma ligação cultural estável entre os diversos países da CPLP.
- (B) para que os artistas da CPLP sejam reconhecidos fora da comunidade.
- (C) porque as manifestações artísticas oriundas da comunidade são muito diferentes das do resto do mundo.
- (D) uma vez que não existe um verdadeiro espaço cultural comum entre todos os países da CPLP.

1.3 O termo “CPLP” (linha 3), quanto ao processo de formação, classifica-se como

- (A) extensão semântica.
- (B) empréstimo.
- (C) amálgama.
- (D) sigla.

1.4 O segundo parágrafo do texto integra

- (A) uma oração subordinante e uma subordinada adjetiva relativa restritiva.
- (B) uma só oração.
- (C) uma oração subordinante e uma subordinada adjetiva relativa explicativa.
- (D) duas orações subordinadas.

1.5 O segmento sublinhado em “A oportunidade do debate foi justificada por António Pinto Ribeiro” (linhas 10-11) desempenha a função sintática de

- (A) complemento agente da passiva.
- (B) complemento oblíquo.
- (C) complemento direto.
- (D) complemento indireto.

1.6 A forma verbal “possam” (linha 36) encontra-se no

- (A) presente do indicativo.
- (B) presente do conjuntivo.
- (C) pretérito imperfeito do conjuntivo.
- (D) imperativo.

1.7 O elemento sublinhado em “que podem ter acesso a outras produções e imaginários” (linhas 47-48) pertence à classe/subclasse do(a) s

- (A) conjunções subordinativas completivas.
- (B) conjunções subordinativas consecutivas.
- (C) conjunções subordinativas concessivas.
- (D) pronomes relativos.

Grupo III

Num texto coerente, entre 120 e 150 palavras, redija **uma apreciação crítica sobre uma obra literária que tenha estudado.**

Deve estruturar o seu texto em três partes (Introdução, desenvolvimento e conclusão).

O seu texto deve contemplar os seguintes aspetos:

- Apresentação da obra e do respetivo autor, situando-a no tempo.
- Descrição sucinta da obra, acompanhada de um comentário crítico.

FIM

Grelha de Cotação da Prova

GRUPO I	9x10 pontos	90 pontos
GRUPO II	7x10 pontos	70 pontos
GRUPO III		40 pontos
	TOTAL	200 pontos 20 valores